



Couto de Magalhães

A ODISSÉIA DA “CANOA DE FOGO” DO GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

*Cem léguas por terra, através do sertão
bravio, para inaugurar a navegação a
vapor no Rio Araguaia.*

CARLOS FRANCISCO MOURA
Arquiteto

O notável programa de integração nacional planejado e realizado pelo Ministério dos Transportes constitui uma retomada da tradição de desbravamen-

to que construiu a grandeza do Brasil.

Essa tradição que remonta aos bandeirantes e pioneiros da primeira hora,

foi transmitida de geração em geração e inspirou a notáveis brasileiros planos e iniciativas no sentido de tornar efetivas e práticas as comunicações entre as diversas regiões do País.

Um deles foi José Vieira Couto de Magalhães, cujo patriotismo conciliava o estudo dos roteiros dos exploradores do século XVIII com uma fé inabalável nos progressos da ciência e da técnica.

Em pleno século XIX ele, que governou regiões cuja integração só atualmente está sendo equacionada, punha nestes termos o problema: "É errada a política que temos seguido no Império, de facilitarmos relações do litoral com o estrangeiro, sem cuidar das do litoral com o centro; essa marcha tende ao desmembramento do Império".

Presidente da Província de Goiás e depois da do Pará, ele tentou estabelecer a navegação a vapor no Araguaia.

Quando foi nomeado Presidente de Mato Grosso, passou a ter uma razão ainda mais grave para o seu ambicionado plano. A Guerra do Paraguai havia chamado a atenção, de forma dramática, para a precariedade das comunicações da Província com o resto do Brasil: era preciso atravessar três países estrangeiros para alcançá-la. Desde que o Rio Paraguai fora aberto à navegação (1856), tanto a antiga rota das monções como a *estrada do sertão*, por trabalhosas e demoradas, estavam abandonadas. Agora, os paraguaios bloqueavam o rio.

Couto de Magalhães pensou logo em utilizar o curso do Araguaia para fazer chegar do Pará a Mato Grosso armas e munições para combater o inimigo. Em tempo verdadeiramente recorde (menos de um mês de sua posse na Presidência da Província), ele deu início ao empreendimento: adquiriu um navio da *Companhia de Navegação por Vapor do Alto Paraguai* que se encontrava paralisado em Cuiabá em virtude da guerra, e planejou a sua transferência, por terra, para o Araguaia.

Em virtude da estrada de Goiás não dar passagem a carros de bois,

Couto de Magalhães teve que escolher outro caminho: a expedição desceria o Rio Cuiabá, subiria o São Lourenço até a Barra do Piquiri e seguiria por este até ao Porto de Tauá. Daí, por terra, seguiria até ao Araguaia.

As obras mortas do navio e as máquinas e ferramentas para a reconstrução foram encaixotadas e alojadas numa embarcação pequena para maior facilidade de navegação. O casco seguiria rebocado pelos vapores de guerra *Alfa* e *Jauru*.

A 27 de maio de 1867 a expedição partiu de Cuiabá seguindo o roteiro traçado até atingir o porto de Tauá. Ali o casco foi desmontado e suas partes e as caixas distribuídas por 14 carros de bois. Em julho começou a insólita viagem através de cerca de cem léguas do áspero e perigoso sertão do Caiapozinho. À sua frente iam duas dezenas de soldados com machados e enxadas abrindo caminho, desobstruindo passagens, construindo pontes onde era necessário.

Finalmente atingiram Itacaiú, na margem do Araguaia e em estaleiro improvisado, o navio foi reconstruído.

Antes mesmo que estivesse terminado, informa Brotero, os índios da Aldeia de Santa Maria, situada cento e tantas léguas abaixo, já falavam com espanto e admiração da *canoa de fogo que está para descer*.

A 25 de maio de 1868 o navio foi lançado à água com o nome de *Araguaia-neru-açu*. A 28, com a presença de Couto de Magalhães e do Dr. João Bonifácio Gomes de Siqueira, Presidente em exercício da Província de Goiás, o navio foi novamente batizado, desta vez com o nome de *Araguaia*. Suspendeu ferro, atravessou o Araguaia de margem a margem, subiu o Rio Vermelho e voltou ao ancoradouro, onde "foi solenemente proclamado achar-se instalada a navegação a vapor no Rio Araguaia", como reza o *Auto da inauguração*.

Por ordem de Couto de Magalhães foi gravada num rochedo da grande cachoeira ali existente a seguinte inscrição, em língua tupi:

"Sob os auspícios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veio chamar à civilização e ao comércio os esplêndidos sertões do Araguaia, com mais de 20 tribos selvagens, no ano de 1868".

Foram sem número as dificuldades que Couto de Magalhães teve que enfrentar para concretizar o seu plano. Não só as decorrentes da empresa em si, como as da guerra que assolava a

Província. No São Lourenço a expedição poderia ter sofrido um ataque dos paraguaios, e nos sertões do Caiapozinho, dos índios selvagens. Muitos expedicionários foram abatidos pelas febres e doenças. Houve dissensões entre os chefes. A imprensa movia campanha contra o empreendimento, afirmando que o navio acabaria por ser abandonado em pleno sertão.

A tudo opôs Couto de Magalhães a sua firme determinação e seu entusiasmo de abridor de novos caminhos.

